

A gripe espanhola

Há quase 102 anos, o mundo foi assolado por uma das pandemias mais mortais de que se tem notícia: a gripe espanhola (na época, chamada também de *influenza hespanhola*).

Estima-se que os primeiros casos surgiram num campo de treinamento de soldados no estado americano do Kansas, em março de 1918. Em poucos meses, com o engajamento dos Estados Unidos na I Guerra Mundial (ela terminaria com o armistício de 11 de novembro de 1918), a doença alcançou a Europa. Os governos engajados no conflito censuravam notícias sobre a epidemia, para não abalar os ânimos das tropas. Como a Espanha era neutra, seus jornais divulgavam livremente as informações sobre a doença, criando a falsa impressão de que o vírus apareceu nesse país ibérico.

Muitos dos combatentes que regressavam a seus países de origem trouxeram consigo essa estirpe do vírus

Influenza A do subtipo H1N1. Calcula-se que mais de 500 milhões de pessoas, cerca de 30% da população mundial na época, contraíram a enfermidade. Estima-se que até 50 milhões de pessoas morreram em todo o mundo, muito mais do que na I Guerra Mundial (~10 milhões de mortos). Atualmente, acredita-se que essa alta mortalidade era decorrente de subnutrição e de más condições de higiene reinantes no início do século XX, somadas ao tempo prolongado de internação em hospitais lotados. As vítimas eram em sua maioria jovens adultos.

A doença chegou ao Brasil em setembro de 1918, a bordo do navio inglês Demerara, que desembarcou passageiros em Recife, Salvador e Rio. Em pouco mais de dois meses, 35 mil pessoas sucumbiram. No Rio, foram mais de 14 mil mortos dentre cerca de 600 mil infectados, numa cidade de pouco menos de 1 milhão de habitantes, de outubro a dezembro de 1918. Dentre os mortos, contavam-se dezenas de médicos, enfermeiros, farmacêuticos e até estudantes de faculdades de Medicina.

Após um período de negação, quando o diretor geral de Saúde Pública, Carlos Pinto Seidl (1867-1929), considerado um dos mais eminentes sanitaristas brasileiros, minimizou a gravidade da gripe, as autoridades do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo recomendaram ao povo a adoção de medidas que podem ser apreciadas no quadro “Conselhos ao Povo”, publicadas nos principais jornais de todas as capitais dos estados brasileiros entre fins de outubro e meados de novembro de 1918. Escolas, cinemas, teatros e parques foram fechados, e igrejas restringiram o acesso de seus fieis. Carlos Seidl acabou pedindo demissão, sendo substituído por Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas (1878-1934).

Conselhos ao povo

Evitar aglomerações, principalmente á noite.

Não fazer visitas.

Tomar cuidados hygienicos com o nariz e a garganta : inalações de vaselina bentholada, gargarejos com a gua e sal, com agua iodada, com acido citrico, tannino e infusões contendo tannino, como follas de goiabeira e outras.

Tomar, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigrammos por dia, e de preferencia no momento das refeições.

Evitar toda fadiga ou excesso physico.

O doente, aos primeiros symptomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contagio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita.

Evitar as causas de resfriamento é de necessidade tanto para os sãos como para os doentes e os convalescentes.

A's pessoas edosas devem applicar-se com mais rigor ainda todos esses cuidados.

A Época, 22 de outubro de 1918

Em seu livro “A propósito da pandemia de 1918: fatos e argumentos irrespondíveis”, publicado em 1919, Carlos Seidl narra suas experiências pessoais e desventuras ao longo deste evento, expondo opiniões e rebatendo as críticas por sua atuação na Diretoria Geral de Saúde Pública, além de discussões acadêmicas e manifestações de apoio diante dos profundos ataques a sua figura pública.

Sem remédio para amenizar os sintomas, as pessoas apelavam para religião e o que mais houvesse às mãos.

Os preços do limão e do frango dispararam, pois achava-se que esses produtos combatiam os sintomas.

Usava-se muito também o quinino, um alcaloide, que podia causar efeitos colaterais como distúrbios visuais e náuseas.

As ruas ficaram vazias, só havia movimento em farmácias e quitandas. Acredita-se que o então presidente eleito do Brasil, Francisco de Paula Rodrigues Alves, padecia por conta do vírus, morrendo em janeiro de 1919. Assumiu o cargo o vice, Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa (1865-1942).

A epidemia perdeu força em dezembro. Com o tempo, uma euforia tomou conta da cidade, espelhada no carnaval de fevereiro de 1919.

Naquela época, a informação chegava mais lentamente e atingia a uma parcela pequena da população, que ficou no geral amplamente desorientada e desassistida.

As medidas propostas pelo Serviço Sanitário do Estado de São Paulo lembram em muito as medidas de isolamento social tomadas na pandemia atualmente em curso.



Revista da Semana, de 26 de outubro de 1918

Na página 14 podem ser visualizadas as manchetes dos jornais Correio da Manhã e Gazeta de Notícias de outubro de 1918 acerca da epidemia da gripe espanhola.

Referencias:

- ⇒ “A Epidemia”. Revista da Semana, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 38, 26 de outubro de 1918, Seção Notícias e Comentários, p. 14-18.
- ⇒ “Conselhos ao Povo”. A Época, Rio de Janeiro, ano VII, n. 2290, 22 de outubro de 1918, p. 1.
- ⇒ Helal Filho, William. “Como o Rio sofreu com epidemia de gripe espanhola em 1918, mas sobreviveu para pular um carnaval inesquecível”. Jornal O Globo, edição de 1º de abril de 2020, Seção História.
- ⇒ Helal Filho, William. “Coronavírus resgata medidas restritivas da epidemia de gripe espanhola, que matou até o presidente do Brasil”. Jornal O Globo, edição de 15 de março de 2020, Seção História.

O RIO É UM VASTO HOSPITAL!

**A invasão da influenza
hespanhola**

**A desidia criminosa do
governo**

O povo soffre os horrores da exploração | Não ha medicos, não ha remedios

Gazeta de Notícias, edição de 15 de outubro de 1918

UM MAR DE ROSAS...

E' a opinião do governo, diante do "mal de Seidl"

As providencias tomadas contra a...

Gazeta de Notícias, edição de 18 de outubro de 1918

SÃO INNUMEROS OS PEDIDOS DE SOCCORROS AO PALACIO DO CATTETE

O governo faz um appello aos medicos, pharmaceuticos e estudantes,
para auxiliarem a Saude Publica nesta difficil emergencia

Correio da Manhã, edição de 20 de outubro de 1918

Não havendo pessoal sufficiente para a desinfecção geral, a Saude Publica recommenda
aos donos de casa a desinfecção de seus domicilios. E' tambem con-
veniente fazer queimar alfazema e incenso nas casas.

Correio da Manhã, edição de 21 de outubro de 1918

A GRANDE EPIDEMIA

As providencias do governo de muito pouco valeram até agora

Continuamos entregues á Divina Providencia

: E os casos fataes augmentam :

Gazeta de Notícias, edição de 30 de outubro de 1918